DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO DE MÉTODOS DE CAPTURA DE ZORRILHOS (*Conepatus chinga*) DE VIDA LIVRE

Recebido em: 16/09/2026
Aceito em: 13/11/2026
DOI: 10.25110/arqvet.v29i2.2026-12956

Fábio Aldabó Schüür [1]
Jaqueline De Mesquita Vianna [2]
César Scarpetti Rodrigues [3]
Filipe Pereira Rego dos Santos [4]
Rogério Ribas Lange [5]

RESUMO: A captura de zorrilhos (*Conepatus chinga*) em vida livre representa um desafio metodológico para pesquisas ecológicas, sanitárias e de conservação, devido à escassez de informações sobre técnicas de captura e suas respectivas eficiências. Este estudo teve como objetivo descrever, avaliar e comparar diferentes métodos de captura da espécie em ambiente natural. As campanhas se realizaram nos anos de 2024 e 2025, no município de Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Foram avaliadas armadilhas do tipo *tomahawk*, três variações de busca ativa veicular, busca ativa a pé e busca ativa com emboscada. O esforço amostral com armadilhas totalizou 408 armadilhas/dia, sem registros de captura. Para cada técnica de busca ativa obtiveram-se três visualizações diretas de indivíduos, permitindo avaliar a conversão de avistamentos em capturas efetivas. Os resultados indicam que a busca ativa veicular, especialmente com observadores posicionados externamente ao veículo, apresenta maior potencial para a captura de *C. chinga* nas condições avaliadas. Aspectos operacionais, como o posicionamento dos pesquisadores, a iluminação e os equipamentos de contenção, também se mostraram relevantes para o sucesso das capturas e para a segurança dos pesquisadores. O estudo fornece subsídios para o aprimoramento e a padronização de protocolos de captura da espécie em vida livre.
PALAVRAS-CHAVE: Armadilhamento; Busca ativa; Cambará do Sul; Manejo de fauna; Taxa de sucesso.

[1] Médico veterinário, doutorando, Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias - Universidade Federal do Paraná; Instituto Horizonte Selvagem.
E-mail: fabiovete@gmail.com, ORCID: 0000-0003-1835-1813
[2] Pós-graduanda, Instituto Horizonte Selvagem; Programa de Pós-graduação em Ambiente e Sustentabilidade - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
E-mail: jaque.vianna24@gmail.com, ORCID: 0009-0006-0637-7847
[3] Médico Veterinário, Instituto Horizonte Selvagem; Fazenda Guarujá.
E-mail: cesarscarpetti@terra.com.br, ORCID: 0009-0008-8885-097X
[4] Biólogo, Instituto Horizonte Selvagem; Zoológico Municipal de Canoas.
E-mail: filipebiopucrs@gmail.com, ORCID: 0000-0001-6277-9257
[5] Professor Associado, Universidade Federal do Paraná,
E-mail: rrlange@ufpr.br, ORCID: 0000-0003-2262-4474

DESCRIPTION AND EVALUATION OF CAPTURE METHODS FOR FREE-RANGING MOLINA'S HOG-NOSED SKUNKS (*Conepatus chinga*)

ABSTRACT: Capturing free-ranging Molina's hog-nosed skunks (*Conepatus chinga*) is a methodological challenge for ecological, wildlife health, and conservation research because limited information exists on capture techniques and their effectiveness. This study aimed to describe, evaluate, and compare different methods for capturing the species in its natural environment. Field campaigns were conducted in 2024 and 2025 in the municipality of Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brazil. Tomahawk live traps, three variants of vehicle-based active search, active search on foot, and ambush-based active search were evaluated. Trapping effort totaled 408 trap-days, with no captures recorded. Three direct sightings of individuals were obtained for each active-search technique, allowing the conversion of sightings into successful captures to be evaluated. The results indicate that vehicle-based active search, particularly with observers positioned outside the vehicle, has greater potential for capturing *C. chinga* under the conditions evaluated. Operational factors such as researcher positioning, lighting, and restraint equipment also affected capture success and researcher safety. This study provides information that may help improve and standardize protocols for capturing free-ranging individuals of the species.
KEYWORDS: Active search; Cambará do Sul; Capture success rate; Trapping; Wildlife management.

DESCRIPCIÓN Y EVALUACIÓN DE MÉTODOS DE CAPTURA DE ZORRINO (*Conepatus chinga*) DE VIDA LIBRE

RESUMEN: La captura de zorrinos (*Conepatus chinga)* en vida libre representa un desafío metodológico para la investigación ecológica, sanitaria y de conservación, debido a la escasez de información sobre las técnicas de captura y su respectiva eficacia. Este estudio tuvo como objetivo describir, evaluar y comparar diferentes métodos de captura de la especie en su hábitat natural. Las campañas se llevaron a cabo durante los años 2024 y 2025 en el municipio de Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Se evaluaron trampas tipo *tomahawk*, tres variantes de búsqueda activa vehicular, búsqueda activa a pie y búsqueda activa mediante emboscada. El esfuerzo de muestreo con trampas totalizó 408 trampas/día, sin registrarse ninguna captura. Para cada técnica de búsqueda activa se obtuvieron tres avistamientos directos de individuos, lo que permitió evaluar la conversión de avistamientos en capturas efectivas. Los resultados indican que la búsqueda activa vehicular —especialmente con observadores situados fuera del vehículo— presenta un mayor potencial para la captura de *C. chinga* en las condiciones evaluadas. Aspectos operativos, como la ubicación de los investigadores, la iluminación y el equipo de contención, también resultaron relevantes para el éxito de las capturas y la seguridad del personal investigador. El estudio aporta elementos para la mejora y estandarización de los protocolos de captura de esta especie en vida libre.
PALABRAS CLAVE: Búsqueda activa; Cambará do Sul; Éxito de captura; Gestión de fauna silvestre; Trampeo.

1. INTRODUÇÃO

O zorrilho, *Conepatus chinga* (Molina, 1782), é um mamífero da família Mephitidae, ordem Carnivora. É uma espécie predominantemente noturna, de hábitos solitários e dieta oportunista, composta principalmente por insetos, pequenos vertebrados, frutos e outros recursos disponíveis sazonalmente (Travaini; Delibes; Ceballos, 1998; Wilson; Mittermeier, 2009; Peters *et al*., 2011). Em razão de seus hábitos alimentares, desempenha papel importante nas relações tróficas dos ecossistemas sul-americanos, especialmente nos ambientes campestres, atuando como predador de diferentes grupos de invertebrados, cuja predação pode influenciar a dinâmica dessas comunidades. Adicionalmente, o consumo de pequenos vertebrados, ovos e carcaças evidencia sua flexibilidade alimentar e participação em diferentes interações tróficas (Donadio *et al*., 2004; Medina *et al*., 2009).

Apesar de sua ampla distribuição nos campos e áreas abertas do sul da América do Sul, incluindo Brasil, Argentina e Uruguai, há uma escassez de informações sobre sua ecologia, densidade populacional e comportamento, em grande parte devido às dificuldades associadas à captura e monitoramento em vida livre (Kasper; Schneider; Oliveira, 2013). Essa deficiência metodológica limita a compreensão de aspectos fundamentais da biologia da espécie e, consequentemente, compromete estratégias de conservação e manejo e saúde única, visto que é descrito como parte do ciclo de doenças zoonóticas, entre elas a doença de chagas (Pietrokovsky *et al*., 1991).

Historicamente, os estudos sobre o gênero *Conepatus* foram marcados por confusões taxonômicas. Registros de *C. semistriatus* no Brasil, por exemplo, foram posteriormente reinterpretados como *C. chinga*, após análises morfológicas e genéticas mais detalhadas (Schiaffini *et al*., 2013; Feijó; Langguth, 2013). Essa revisão histórica reforça a importância de métodos de captura que permitam a coleta confiável de dados biométricos e genéticos, essenciais para a correta identificação taxonômica e para evitar erros de distribuição geográfica. Além disso, o comportamento noturno e evasivo da espécie, somado ao uso de secreções defensivas, torna os métodos tradicionalmente empregados na captura de outros carnívoros pouco eficientes (especialmente a utilização de armadilhas *tomahawk*), levantando hipóteses sobre a necessidade de técnicas adaptadas e específicas para a espécie (Kasper; Soares; Freitas, 2012).

Observa-se que os métodos de captura empregados em pequenos carnívoros, como armadilhas de caixa e redes de espera, apresentam baixa eficiência para zorrilhos,

além de potenciais riscos de estresse e de mortalidade (Kasper; Schneider; Oliveira, 2013). Estudos recentes reforçam a importância de desenvolver protocolos éticos e eficazes que conciliem a obtenção de dados científicos com o bem-estar animal (Feijó; Langguth, 2013). No caso específico dos mefitídeos, poucos estudos avaliaram sistematicamente a eficiência comparativa entre diferentes métodos de captura. A maior parte das informações disponíveis concentra-se em espécies norte-americanas do gênero *Mephitis*, especialmente *M. mephitis*, utilizadas em pesquisas sobre raiva, ecologia de doenças e dinâmica populacional (Rosatte *et al*., 2010; Gehrt; Riley; Cypher, 2010). No caso dos métodos utilizados, frequentemente a técnica empregada é pouco descrita e não apresenta a taxa de sucesso de captura, como nos estudos de Castillo *et al*. (2012) e Castillo *et al*. (2015). Nesse contexto, a avaliação sistemática de diferentes métodos de captura surge como uma necessidade urgente, capaz de preencher lacunas metodológicas e fornecer subsídios para pesquisas futuras sobre a ecologia e conservação de *C. chinga*, espécie esta considerada por Castillo *et al*. (2024) como subprotegida em áreas de proteção ambiental.

Assim, o presente estudo propõe-se a avaliar métodos de captura aplicados a zorrilhos de vida livre, buscando identificar técnicas mais adequadas e seguras para o estudo da espécie. A investigação pretende contribuir para a padronização de protocolos de campo, ampliando o conhecimento sobre a biologia do zorrilho e fortalecendo as bases para estratégias de conservação.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram realizadas campanhas de captura de zorrilhos no município de Cambará do Sul, estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Figura 1), nos anos de 2024 e 2025, sendo testados quatro métodos de captura: armadilha tipo *tomahawk*, busca ativa veicular (com três técnicas diferentes), busca ativa a pé e captura por emboscada. Os procedimentos de captura e manuseio realizados neste estudo foram conduzidos em estrita conformidade com as diretrizes de bem-estar animal e a legislação brasileira vigente. O projeto foi previamente aprovado pela Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, sob o parecer número 046/2023, aprovado em 04 de dezembro de 2023. A captura dos espécimes em ambiente natural foi devidamente autorizada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

(ICMBio), por meio do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO), sob a licença número 88423-1, emitida em 24 de agosto de 2023.

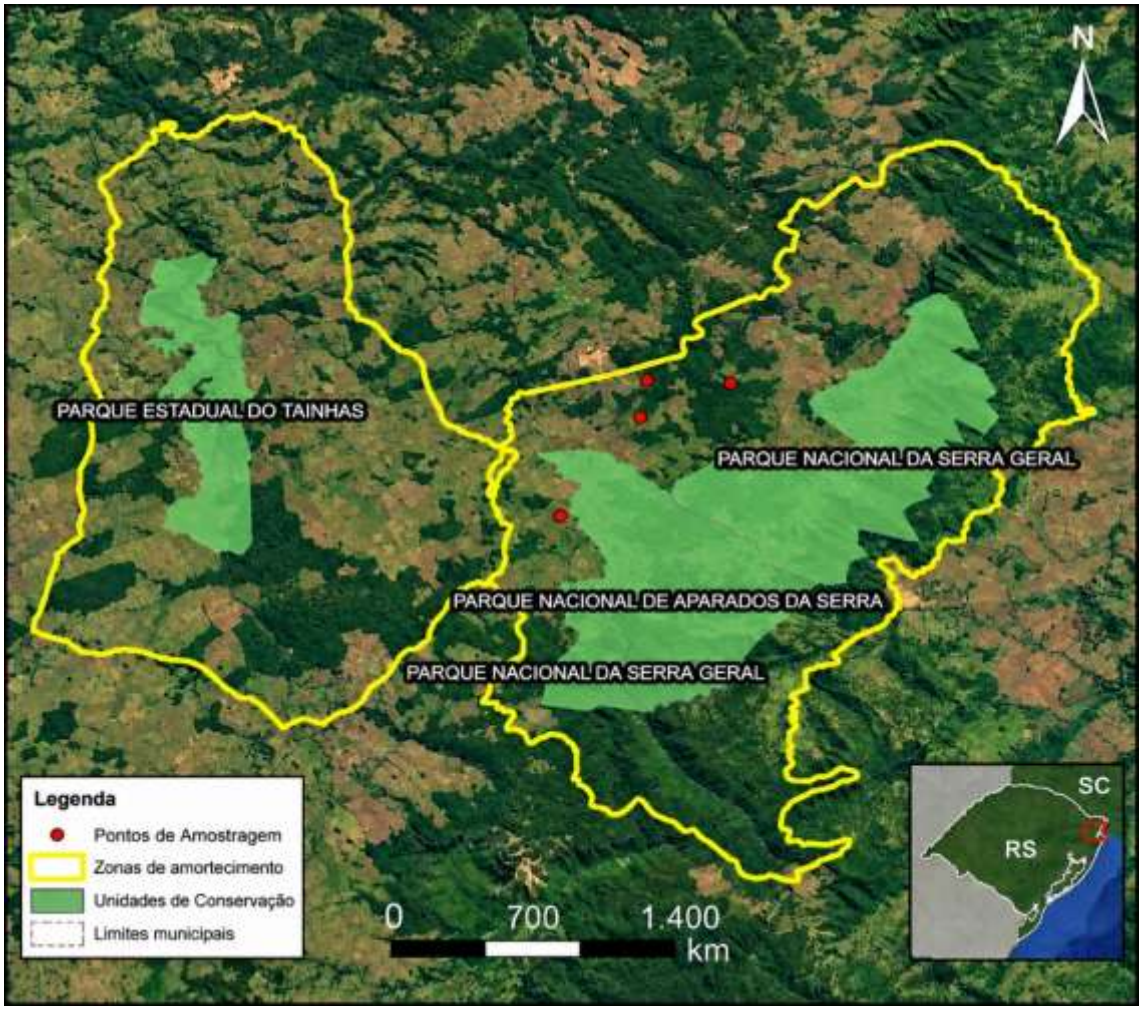


Figura 1: Mapa da região do estudo e dos pontos de amostragem no município de Cambará do Sul, RS, Brasil.

2.1 Captura por armadilha tipo *tomahawk* (CAT)

Foram utilizadas seis armadilhas do tipo *tomahawk*: duas de 100 x 40 cm, duas de 60 x 40 cm e duas de 40 x 30 cm, sendo quatro com sistema de acionamento por pedal e duas com sistema de acionamento por gancho. As armadilhas foram divididas em quatro grupos de acordo com o tipo de isca utilizado: um grupo recebeu vísceras bovinas, um grupo vísceras de frango, um grupo carne e gordura de frango e um grupo carne e gordura bovina, em adaptação ao fornecido com sucesso por Castillo (2010).

O esforço amostral para as armadilhas de captura *tomahawk* por grupo foi de 102 armadilhas/dia em um esforço amostral total de 408 armadilhas/dia.

2.2 Captura por busca ativa veicular (CBAV)

Para as capturas com busca ativa veicular foram desenvolvidas e testadas três técnicas. Todas foram baseadas na busca ativa em rodovias vicinais e/ou dentro de áreas de campo de propriedades rurais, onde foram realizadas buscas veiculares com velocidades entre 15 e 40 km/h em transectos de 4km, sendo realizados as 18:00; 20:30; 23:00; 01:00, 03:00, 05:30 sempre que ocorria captura as buscas eram suspensas e reiniciadas em outro dia. Os materiais empregados foram os mesmos para os três tipos de busca ativa veicular, a busca ativa a pé e a captura por emboscada. Para a busca e a identificação de exemplares de *C. chinga*, foram usados faroletes Benbo/B-Max BB-6000A-30W-T6® de 2800 lúmens e lanterna de cabeça Litian LT-8516® de 2000 lúmens e foco regulável. Para a captura dos exemplares foi utilizado um puçá metálico (haste de 100 cm; aro de 55 cm; malha de 4 cm). Todas as técnicas objetivaram três visualizações diretas de *C. chinga* com possibilidade de captura.

2.2.1 Técnica de captura por busca ativa veicular 1 (CBAV1)

Foi utilizada uma caminhonete compacta, 1.6, não tracionada, com dois observadores treinados na caçamba (Figura 2). A busca foi realizada com auxílio de faroletes mapeando ambos os lados da estrada. Após o avistamento e identificação do zorrilho, o motorista era avisado com um piscar de lanterna na direção do animal, conduzindo o veículo o mais próximo possível do mesmo e estacionando. Os pesquisadores então desembarcam para realizar a captura a pé, com auxílio de lanterna de cabeça, realizando a captura com o puçá.



Figura 2: Pesquisador na caçamba do veículo, com o puçá e lanterna de cabeça utilizados na técnica de captura por busca ativa veicular 1, na área rural do município de Cambará do Sul, RS, Brasil.

2.2.2 Técnica de captura por busca ativa veicular 2 (CBAV2)

Foi utilizado um carro de passeio, 1.0, com um pesquisador treinado sentado na janela dianteira direita (Figura 3). A busca foi realizada com auxílio de faroletes, mapeando apenas o lado direito da estrada. Após o avistamento e identificação do zorrilho, o motorista era comunicado por comando de voz, conduzindo o veículo o mais próximo possível do animal e estacionando. O pesquisador desembarca para realizar a captura a pé, com auxílio de lanterna de cabeça, realizando a captura com o puçá.



Figura 3: Pesquisador sentado na janela do veículo, com os equipamentos utilizados na técnica de captura por busca ativa veicular 2, na área rural do município de Cambará do Sul, RS, Brasil.

2.2.3 Técnica de captura por busca ativa veicular 3 (CBAV3)

Foram utilizados os mesmos procedimentos e equipamentos da técnica CBAV2, porém com o pesquisador sentado no interior do veículo.

2.3 Captura por busca ativa a pé (CBAP)

Nesta técnica, foram realizadas buscas ativas a pé, nos horários 18:00, 20:30, 23:00, 01:00, 03:00 e 05:30, em caminhadas no ritmo de 4 a 7 km/h, em áreas de ocorrência de zorrilhos, tendo-se percorrido distâncias de 2 km de transecto, sendo realizadas por pesquisador treinado, com auxílio de faroletes. Após identificado o animal, iniciava a perseguição com auxílio de lanterna de cabeça, realizando a captura com puçá metálico.

Para o monitoramento do ritmo de caminhada e da distância percorrida, utilizou-se o aplicativo Wikiloc®.

2.4 Captura por busca ativa com emboscada (CBAE)

A execução desta técnica consiste na vistoria diurna do ambiente para localizar áreas de abrigo e/ou tocas utilizadas pela espécie. Identificados locais propícios, é feita a instalação de armadilhas fotográficas no seu entorno para registro de uso pela espécie. As câmeras que registraram a presença de *C. chinga* nas últimas 24 h foram consideradas ativas. Nas tocas e abrigos ativos foram realizadas tocaias de 4 horas (18:00 às 22:00 e 03:00 às 07:00); a tocaia termina com a identificação da aproximação do animal em direção à sua toca através de odor, ruídos ou vulto. A captura é realizada por meio de uma perseguição a pé, de um ataque rápido com puçá e do auxílio de iluminação artificial com uma lanterna de cabeça.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As armadilhas do tipo *tomahawk* não registraram capturas em nenhum dos grupos de iscas empregados, resultando em taxa de captura nula para o método. Foram testadas diferentes dimensões de armadilhas, sistemas de acionamento e atrativos alimentares, totalizando um esforço amostral de 408 armadilhas-dia.

Em relação às técnicas de busca ativa, todas alcançaram o objetivo de três visualizações diretas de indivíduos de *C. chinga*, embora tenham apresentado diferenças expressivas quanto ao esforço necessário para a detecção e à conversão dos avistamentos em capturas. Sendo necessário o seguinte esforço amostral, respectivamente: CBAV1 52 km de transecto (17,3 km/visualização), CBAV2 76 km de transecto (25,3 km/visualização), CBAV3 84 km de transecto (28 km/visualização), CBAP 146 km de transecto (48,6 km/visualização). Para a técnica CBAE foram necessários 5 turnos de tocaia, além do esforço amostral inicial não contabilizado de rastreio das tocas e ninhos e verificação se o abrigo estava ativo por meio de armadilhamento fotográfico.

Com relação a conversão de visualização do animal em captura efetiva do exemplar obteve-se os seguintes resultados: Técnica de captura veicular 1, três capturas em três visualizações (100% de sucesso); técnica de captura veicular 2, duas capturas em três visualizações (66,66% de sucesso); técnica de captura veicular 3, nenhuma captura em três visualizações (0% de sucesso); técnica de captura não-veicular 1, nenhuma

captura em três visualizações (0% de sucesso); técnica de captura não-veicular 2 (emboscada), uma captura em três visualizações (33,33%) (Figura 4).

Os resultados evidenciam diferenças entre as estratégias avaliadas tanto na capacidade de detecção quanto na conversão dos avistamentos em capturas. Entre as técnicas veiculares, a CBAV1 apresentou o menor esforço de deslocamento por visualização e a maior taxa de captura. Esse desempenho pode estar relacionado ao posicionamento dos pesquisadores na caçamba da caminhonete, que possibilitou a observação simultânea dos dois lados da via e o desembarque imediato após a localização do animal. Entretanto, considerando o número reduzido de visualizações avaliadas, esses resultados devem ser interpretados como indicativos do potencial da técnica, e não como demonstração de superioridade estatística.

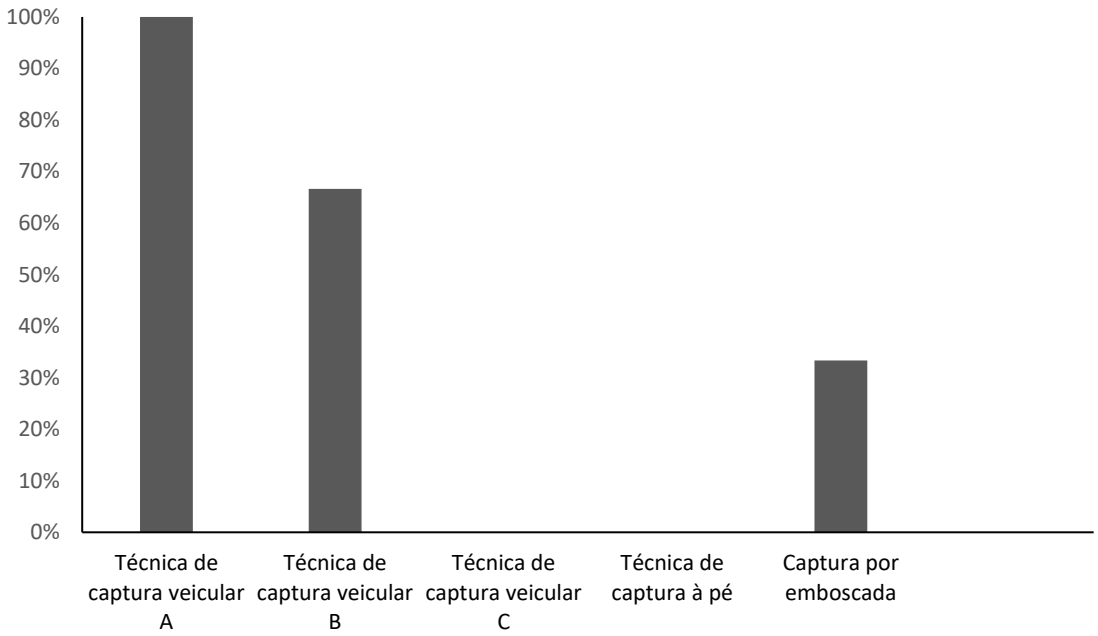


Figura 4: Taxa de captura (%) de zorrilhos de vida livre de acordo com a técnica de captura empregada. CBAV = captura por busca ativa veicular; CBAP = captura por busca ativa a pé; CBAE = captura por busca ativa com emboscada.

Apesar de Donadio *et al*. (2001) terem obtido sucesso na captura de dois zorrilhos com armadilhas do tipo *tomahawk*, este método não demonstrou eficácia no presente estudo. Resultado semelhante foi observado por Castillo *et al*. (2011), que concluem tratar-se de um método de baixa eficiência para a espécie. Castillo (2010) obteve a relação média de uma captura a cada 843 armadilha/dia, enquanto o esforço total empregado neste estudo foi de 408 armadilha/dia, podendo ser esse um indicador que nosso esforço

amostral foi insuficiente para obtenção de uma captura. Destaca-se que o uso de iscas ainda não testadas pode resultar em melhores resultados.

Com relação à velocidade utilizada nas técnicas de captura veicular, verificou-se que os melhores resultados foram em velocidades próximas a 40 km/h. Esta observação difere das velocidades utilizadas por Arias *et al*. (2006) e Kasper (2011). Essa diferença pode estar relacionada aos objetivos distintos dos estudos: enquanto os trabalhos citados priorizaram a detecção e observação de zorrilhos, o presente estudo teve como objetivo a captura dos indivíduos.

As técnicas CBAV2 e CBAV3 apresentaram limitações em relação ao campo de observação, uma vez que permitiam o monitoramento de apenas um dos lados da estrada, diferentemente da CBAV1, que possibilitava a observação simultânea de ambos os lados. Entretanto, essas técnicas apresentam vantagens operacionais, como a redução da equipe necessária de três para dois integrantes e a possibilidade de utilizar veículos de passeio, dispensando a necessidade de uma caminhonete. Entre elas, a CBAV2 apresentou resultado intermediário, com 66,7% de conversão de visualizações em capturas, embora o posicionamento do pesquisador na janela do veículo represente uma limitação de segurança durante a atividade. Já a CBAV3 não resultou em capturas. Uma possível explicação para esse resultado é o maior intervalo entre a identificação do animal, o desembarque do pesquisador e o início da perseguição, proporcionando maior oportunidade de fuga ao zorrilho.

Todas as técnicas veiculares (CBAV1, CBAV2 e CBAV3) necessitam ser realizadas em estradas ou em ambientes naturais onde seja possível se locomover com veículo. Apesar da equipe não ter enfrentado problemas, pode ser recomendado o uso de veículo com tração 4x4.

As técnicas de captura não veiculares apresentam como vantagem a necessidade de apenas um pesquisador e ausência de exigência de um veículo. Entretanto, na técnica em que foi possível comparar o esforço amostral com as técnicas veiculares, CBAP, foi necessário um esforço amostral consideravelmente maior para visualizar três animais.

A única técnica não veicular que apresentou capturas foi a CBAE, com taxa de sucesso de 33,3% das visualizações. Diferentemente das demais estratégias, essa técnica foi direcionada a locais previamente identificados como áreas de abrigo ou tocas utilizadas pela espécie, com confirmação de atividade por meio de armadilhas fotográficas. A possibilidade de aguardar a aproximação do animal em um local

conhecido pode ter favorecido a abordagem e a captura. Entretanto, sua aplicação exige planejamento prévio, monitoramento dos abrigos e disponibilidade de tempo para a realização das tocaias, constituindo uma alternativa especialmente interessante quando já existem informações sobre os locais de repouso e abrigo dos indivíduos (Figura 5).



Figura 5: Exemplar de zorrilho, *Conepatus chinga*, registrado em entrada de toca, confirmando que se tratava de uma toca ativa.

A utilização de puçá com haste longa e diâmetro largo pode ser um diferencial para melhor resultado no momento da captura. A utilização de rede no puçá ao invés de lona é um facilitador para que o animal posteriormente receba a aplicação de medicações injetáveis, como fármacos para contenção química (Figura 6).

Não foram registradas intercorrências relacionadas à malha do puçá (4 cm), sendo bastante razoável o uso de malhas ainda menores. A contenção física com puçá foi efetuada nos moldes usados por Cavalcanti (2010), e nenhum animal espirrou secreção defensiva em direção ao manipulador por entre a malha do puçá. A ação de defesa do zorrilho foi registrada uma única vez quando, pouco antes da captura, o animal espirrou a secreção defensiva, atingindo a região ocular do pesquisador, causando irritabilidade e ardência, sem maiores complicações. Apesar deste incidente não ter como ser evitado pelo puçá com lona, Kasper (2011) utilizou, sendo uma alternativa válida para evitar acidentes defensivos após a captura com o puçá, porém podendo dificultar a aplicação da imobilização química.



Figura 6: Exemplar de zorrilho, *Conepatus chinga*, capturado com puçá de malha no Município de Cambará do Sul/RS.

Durante o momento da captura os animais apresentaram três tipos de comportamento: correr e esconder-se; bater as patas dianteiras como forma de intimidação ou virar-se para espirrar secreção defensiva. Essas respostas demonstram a importância de reconhecer os comportamentos defensivos da espécie durante a aproximação, o que permite que os pesquisadores adotem estratégias de abordagem adequadas. Nos indivíduos que conseguiram escapar durante as tentativas de captura, foram observados deslocamentos estimados visualmente em até 15 km/h, evidenciando a

capacidade de fuga da espécie e a necessidade de uma abordagem rápida após a identificação do animal.

A utilização de uma lanterna de cabeça de qualidade e bem fixada é de grande importância para o bom desempenho na captura de exemplares (deslocamento em velocidade, visualização do animal e abordagem/captura). Este equipamento permite ao manipulador manter as mãos livres para executar a captura com o puçá e obter maior eficiência no direcionamento do feixe de luz.

As técnicas de armadilha tipo laço e de pegada (*foothold*) não foram testadas por serem consideradas de baixa seletividade e elevado risco de danos ao animal capturado.

4. CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstram que a busca ativa apresentou maior potencial de captura de zorrilhos *C. chinga* em vida livre, nas condições avaliadas, em comparação ao uso de armadilhas tipo *tomahawk*. Entre as técnicas testadas, a busca ativa veicular com dois pesquisadores posicionados na caçamba do veículo (CBAV1) apresentou o melhor resultado, com a conversão dos três avistamentos em capturas. A técnica com observador posicionado na janela do veículo (CBAV2) também apresentou resultado favorável, enquanto a busca ativa veicular com observador no interior do veículo (CBAV3) e a busca ativa a pé (CBAP) não resultaram em capturas. A técnica de busca ativa com emboscada (CBAE), por sua vez, demonstrou potencial de aplicação, especialmente quando associada à localização e ao monitoramento prévio de abrigos utilizados pelos animais.

O esforço de 408 armadilhas/dia com armadilhas do tipo *tomahawk* não resultou em capturas, embora esse resultado não permita descartar a eficiência desse método com maior esforço amostral ou com alterações nas configurações das armadilhas e nos atrativos utilizados. Assim, a ausência de capturas deve ser interpretada considerando as condições específicas de aplicação do método neste estudo.

Além da escolha da técnica, aspectos operacionais, como o posicionamento dos pesquisadores, a rapidez na abordagem após a visualização dos animais, a iluminação e os equipamentos de contenção, mostraram-se relevantes para a execução das capturas e para a segurança da equipe. As observações comportamentais realizadas durante as tentativas também reforçam a necessidade de planejamento prévio e de procedimentos que considerem os mecanismos de defesa característicos da espécie.

Por fim, considerando o número reduzido de avistamentos, os resultados devem ser interpretados como informações preliminares, o que não permite estabelecer uma comparação definitiva entre as técnicas. Ainda assim, este estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre os procedimentos de captura de *C. chinga* em vida livre, oferecendo subsídios para o aprimoramento e a padronização de protocolos metodológicos aplicáveis a futuras pesquisas ecológicas, sanitárias e de conservação da espécie.

REFERÊNCIAS

ARIAS, S. M. *et al*. Proyecto de investigación y manejo del zorrino (***Conepatus humboldtii*** y ***C. chinga***) en la Provincia de Río Negro, Argentina**.** Buenos Aires: **Universidad de Buenos Aires; Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable,** 2006. Informe de finalización.

CASTILLO, D. F. **Ecología espacial, temporal y trófica del zorrino (Conepatus chinga) en un área natural y un área de uso agrícola.** Bahía Blanca, 2010. 251 f. Tese (Doutorado em Biologia) – Universidad Nacional del Sur.

CASTILLO, D. F. *et al*. Activity patterns of Molina's hog-nosed skunk in two areas of the Pampas grassland (Argentina) under different anthropogenic pressure**. Ethology Ecology & Evolution**, v. 27, n. 4, p. 379-388, 2015. DOI: 10.1080/03949370.2014.953597.

CASTILLO, D. F. *et al*. Habitat selection of Molina's hog-nosed skunks in relation to prey abundance in the Pampas grassland of Argentina. **Journal of Mammalogy**, v. 93, n. 3, p. 716-721, 2012. DOI: 10.1644/11-MAMM-A-300.2.

CASTILLO, D. F. *et al*. Spatial organization of Molina's hog-nosed skunk (*Conepatus chinga*) in two landscapes of the Pampas grassland of Argentina**. Canadian Journal of Zoology**, v. 89, n. 3, p. 229-238, 2011. DOI: 10.1139/Z10-110.

CASTILLO, D. F.; CARUSO, N. Potential distribution and conservation of the hog-nosed skunk (genus *Conepatus*, Mammalia: Mephitidae). **Journal for Nature Conservation**, v. 77, p. 126519, 2024. DOI: 10.1016/j.jnc.2023.126519.

CAVALCANTI, G. N. **Biologia comportamental de *Conepatus semistriatus* (Carnivora, Mephitidae) em Cerrado do Brasil Central**. Belo Horizonte, 2010. Dissertação (Mestrado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

DONADIO, E. *et al*. Activity patterns, home-range, and habitat selection of the common hog-nosed skunk, Conepatus chinga (Mammalia, Mustelidae), in northwestern Patagonia. ***Mammalia***, v. 65, n. 1, p. 49–54, 2001.

DONADIO, E. *et al*. Feeding ecology of the Andean hog-nosed skunk (Conepatus chinga) in areas under different land use in north-western Patagonia. **Journal of Arid Environments**, v. 56, n. 4, p. 709–718, 2004.

FEIJÓ, A.; LANGGUTH, A. Mamíferos de médio e grande porte do Nordeste do Brasil: distribuição e taxonomia, com descrição de novas espécies**. Revista Nordestina de Biologia**, v. 22, n. 1/2, p. 3-225, 2013.

GEHRT, S. D.; RILEY, S. P. D.; CYPHER, B. L. (ed.). **Urban carnivores: ecology, conflict, and conservation**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010.

KASPER, C. B.; SOARES, J. B. G.; FREITAS, T. R. O. Differential patterns of home-range, net displacement and resting sites use of *Conepatus chinga* in southern Brazil**. Mammalian Biology**, v. 77, n. 5, p. 358-362, 2012. DOI: 10.1016/j.mambio.2012.03.006.

KASPER, C. B.; SCHNEIDER, A.; OLIVEIRA, T. G. **Carnívoros do Brasil: biologia, ecologia e conservação**. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

KASPER, C. B. **Ecologia e história natural do zorrilho (*Conepatus chinga*) no sul do Brasil**. Porto Alegre, 2011. Tese (Doutorado em Biologia Animal) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEDINA, C. E. *et al*. Dieta de Conepatus chinga (Carnívora: Mephitidae) en un bosque de Polylepis del departamento de Arequipa, Perú. **Revista Peruana de Biología, Lima**, v. 16, n. 2, p. 183–186, 2009.

PETERS, F. B. *et al*. Aspectos da caça e perseguição aplicada à mastofauna na Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã, Rio Grande do Sul, Brasil**. Biodiversidade Pampeana**, v. 9, n. 1, p. 16-19, 2011.

PIETROKOVSKY, S. M. *et al*. The skunk *Conepatus chinga* as new host of *Trypanosoma cruzi* in Argentina**. The Journal of Parasitology**, v. 77, n. 4, p. 643-645, 1991. DOI: 10.2307/3283177.

ROSATTE, R. *et al*. **Striped skunks and allies (*Mephitis* spp.).** *In:* GEHRT, S. D.; RILEY, S. P. D.; CYPHER, B. L. (ed.). Urban carnivores: ecology, conflict, and conservation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2010. p. 97-106.

SCHIAFFINI, M. I. *et al*. Taxonomic status of southern South American ***Conepatus*** (Carnivora: Mephitidae)**. Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 167, n. 2, p. 327-344, 2013. DOI: 10.1111/zoj.12006.

TRAVAINI, A.; DELIBES, M.; CEBALLOS, O. Summer foods of the Andean hog-nosed skunk (*Conepatus chinga*) in Patagonia. **Journal of Zoology**, v. 246, n. 4, p. 457-460, 1998. DOI: 10.1111/j.1469-7998.1998.tb00180.x.

WILSON, D. E.; MITTERMEIER, R. A. (ed.). **Handbook of the mammals of the world. Volume 1: Carnivores**. Barcelona: Lynx Edicions, 2009.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Fábio Aldabó Schüür: Coordenação e execução geral.

Jaqueline De Mesquita Vianna: Coleta de dados e administração do projeto.

César Scarpetti Rodrigues: Coleta de dados e logística de campo.

Filipe Pereira Rego dos Santos: Coleta de dados e análise de dados.

Rogério Ribas Lange: Supervisão da pesquisa.